

# Um desafio para Collor

*Correio*

TARCÍSIO HOLANDA

CORREIO BRAZILIENSE

A declaração do ministro da Justiça, Jarbas Passarinho, em favor da articulação de blocos na eleição das novas Mesas da Câmara e do Senado comporta duas interpretações. Tanto pode indicar que o Governo vai apoiar chapas próprias às Mesas das duas Casas, assumindo inegáveis riscos com a intervenção, quanto pode representar, apenas, um jogo por meio do qual o Palácio do Planalto deseja evitar candidaturas que considere inconvenientes a seus interesses, como a de Ulysses Guimarães.

O vice-líder do Governo no Senado, Ney Maranhão, revelou, recentemente, que a candidatura do senador cearense Mauro Benevides à presidência do Senado não causa qualquer tipo de preocupação ao Governo. Pelo contrário, o presidente Collor não faria restrição de qualquer natureza ao nome do parlamentar cearense, cuja candidatura está em processo de consolidação no PMDB, que é o partido majoritário no Senado.

O Governo aceitaria de bom grado o acordo que confere ao partido majoritário o direito de indicar o presidente da Câmara se o PMDB apresentasse como candidato o atual líder da bancada, deputado Ibsen Pinheiro, ou o ex-presidente da Comissão de Justiça, o também gaúcho Nelson Jobim. Quem faz tal revelação é o vice-líder governista no Senado, Ney Maranhão.

"Não podemos aceitar é o Ulysses, que prepara uma cama de gato para o Presidente", adverte o senador pernambucano com o seu característico linguajar. Se Ney Maranhão reflete o pensamento do Presidente, como se supõe, o senador Mauro Benevides já pode ir encomendando o seu terno para a posse na presidência do Senado. Quanto ao doutor Ulysses, que é um parlamentar de

longa vivência, deve ir colocando as barbas de molho, pois sua candidatura provocaria uma guerra em plenário talvez semelhante àquela em que se empenhou Figueiredo para derrotar o saudoso deputado Djalma Maranhão.

Se o deputado Ulysses Guimarães teimar em ser candidato a presidente da Câmara, provavelmente não terá adversário na votação da bancada. Porém, a rejeição a seu nome é tão evidente no partido que poderia ter menos votos do que os votos em branco. E certamente estimularia a formação de um superbloco partidário sob o comando então evidente do governo Collor.

Astutamente, os deputados Ibsen Pinheiro e Nelson Jobim transmitiram esse recado ao experiente político paulista, quando proclamaram a decisão de não competir com Ulysses. Ambos contam em que funcione, agora, o desconfiômetro do grande timoneiro que não funcionou na eleição de presidente da República, apesar do aviso unânime dos governadores de que a sua candidatura não tinha a menor chance de sucesso.

Estamos na preliminar. Como disse o senador Nelson Carneiro, o jogo principal só terá início em dezembro, quando serão conhecidos os governadores eleitos no segundo turno, que também influirão na eleição dos novos dirigentes do Congresso, conforme tradição muito nossa. A declaração do ministro da Justiça, Jarbas Passarinho, pode marcar o início de grande articulação em favor dos blocos, se o quadro não se definir normalmente ao gosto do Governo.

Os senadores Fernando Henrique Cardoso e Marco Maciel sonham em chegar à presidência do Senado via bloco. Mas, o senador Mauro Benevides pode ser a solução natural via partido. Inclusive para Fernando Collor.